

CABELO ESPETADO

António Torrado
escreveu e
Cristina Malaquias ilustrou



Era uma vez uma senhora que estava no cabeleireiro, à espera de ser atendida.

– Estou pelos cabelos! – dizia a senhora, muito irritada.
– Nunca mais chega a minha vez, francamente.

Uma das cabeleireiras passou por ela e reparou:

– Olhe que a senhora, assim, tão enervada que está, fica com os cabelos em pé. Depois, vai ser um sarilho para penteá-la.

E foi. Quando a senhora se sentou, finalmente, numa das cadeiras, frente ao espelho, estava uma lástima. Tinha o cabelo que nem escova de arame.

Lavaram-no, massajaram-no, puseram-lhe rolos, encharcaram-no com laca, mas não havia meio. O cabelo empinava, tão espetado e rijo como se a senhora tivesse apanhado um choque eléctrico.

– Tem de acalmar-se. Vá lá, sossegue – diziam-lhe as empregadas do cabeleireiro.

Mais lhe diziam, pior era. Tantas pessoas à volta dela e as outras clientes aos risinhos punham-na fula. E, já se vê, a cabeleira ouriçava-se-lhe ainda mais. Aquilo não havia remédio.

– Só se voltar cá mais calma, noutro dia – propuseram-lhe.

– Como é que pode ser, se hoje é que eu tenho uma festa, a que não posso faltar, dê por onde der? – esganiçava-se a senhora de cabelos arrepiados, cada vez mais arrepiados.

Teve de ir assim mesmo à tal festa. Nervosíssima. Arrepiadíssima. E querem saber? Foi um êxito, o alvo de todas as atenções, de todos os elogios.

– Que penteado tão original! E que bem que lhe fica! Onde é que o fez? – perguntavam-lhe a torto e a direito.

A senhora punha a mão no coração, consolada e feliz. Acalmou. Vai daí o cabelo perdeu a electricidade e caiu-lhe em pontas desgraciosas, escorrido e feio como pêlo de cão à chuva. Mas vá lá que a festa tinha chegado ao fim e já ninguém reparou.

FIM